

**Terra, trabalho, família e sementes: onde está o gênero nas ruralidades camponesas?**

***Land, labor, family, and seeds: where does gender fit into peasant rural life?***

**Laura Silveira Leite**

Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil

**Gabrielle Martho Domingues**

Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil

**Natalie Marinho Dantas**

Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil

**GT 05 - Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural**

**Resumo:** Esta pesquisa analisa o papel das mulheres guardiãs de sementes crioulas na conservação da agrobiodiversidade, a partir das relações de gênero nas ruralidades camponesas. Com base em uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica, discute-se como essas mulheres são centrais na seleção, conservação e circulação de sementes, contribuindo para a soberania alimentar. Apesar disso, suas práticas permanecem invisibilizadas em função da divisão sexual do trabalho e das desigualdades de reconhecimento no meio rural. Conclui-se que valorizar o protagonismo feminino é fundamental para fortalecer a agrobiodiversidade e promover sistemas agroalimentares mais justos e sustentáveis.

**Palavras-chave:** Mulheres, guardiãs de sementes crioulas, ruralidades camponesas, soberania alimentar.

**Abstract:** This article analyzes the role of women seed keepers in the conservation of agrobiodiversity within peasant rural contexts, focusing on gender relations. Based on a qualitative and exploratory approach grounded in a literature review, the study shows that women play a central role in seed selection, conservation, and exchange, contributing to food sovereignty. However, these practices remain largely invisible due to the sexual division of labor and inequalities in social recognition. The study concludes that valuing women's protagonism is essential for strengthening sociobiodiversity and promoting more just and sustainable agri-food systems.

**Keywords:** Women, guardians of creole seeds, rural peasantry, food sovereignty.

## **1. Introdução**

Os debates sobre conservação da agrobiodiversidade têm evidenciado a importância das sementes crioulas para a manutenção da diversidade agrícola e para a promoção da soberania alimentar. Essas sementes representam patrimônios genéticos, culturais e alimentares construídos historicamente por comunidades camponesas, sendo fundamentais para promoção da saúde, para a construção de sistemas alimentares mais sustentáveis, além de serem resistência aos organismos geneticamente modificados (Andrade, 2021).

Nesse contexto, destaca-se o papel das mulheres guardiãs de sementes crioulas, que em suas realidades territoriais são as principais responsáveis pela conservação, multiplicação e transmissão desse patrimônio nas gerações (Burg; Ogliari, 2021). Segundo Shiva (2015), as mulheres ocupam posição de liderança no resgate de sistemas alimentares tradicionais e na conservação da agrobiodiversidade em diversas partes do mundo. Apesar de sua relevância, esse lugar das mulheres permanece invisibilizado. Assim, torna-se fundamental, e como

objetivo desta pesquisa, analisar as relações de gênero que atravessam as ruralidades camponesas, considerando que as práticas relacionadas às sementes crioulas são também processos sociais e políticos, marcados por desigualdades historicamente construídas.

## 2. Revisão da Literatura

As mulheres desempenham papel central na gestão da diversidade vegetal (Lima e Cunha, 2024). Howard (2003) demonstra que elas são responsáveis pela conservação *in situ* de plantas cultivadas e silvestres, atuando como guardiãs de sementes, cuidadoras de hortas e protagonistas de redes de trocas. A compreensão dessas práticas exige considerar as relações sociais de gênero. Os estudos de gênero emergem nos debates feministas, questionando concepções biologizantes do sexo e propondo o gênero como uma construção social e histórica (Amâncio, 2003). Butler (2003) amplia esse debate ao compreender o gênero como performativo, sendo produzido nas relações sociais e nas estruturas de poder.

No contexto do mundo rural, essas relações estão articuladas à organização social do campesinato. Woortmann (1990) define a campesinidade como uma ordem moral sustentada pelo tripé “terra, família e trabalho”, em que a terra é entendida como patrimônio familiar e o trabalho assume valor ético e coletivo. Essa lógica camponesa se estruturou no formato de famílias patriarcais (Carneiro, 2001), em que a hierarquia é a honra do homem/pai/filho, rearfirmado desigualdades de gênero e reduzindo a valorização de outras formas de performar gênero que não do homem cis, hetero e branco. A divisão sexual do trabalho constitui um dos principais mecanismos de reprodução dessas desigualdades (Conte et. al., 2020).

## 3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, fundamentada na análise da literatura científica sobre ruralidades, relações de gênero na ruralidade camponesa, sementes crioulas, agrobiodiversidade e ecologia política feminista. A construção do referencial teórico baseou-se nas bibliografias indicadas nos programas das disciplinas “Fundamentos em Mundo Rural I: Transformações das Sociedades Camponesas” e “Fundamentos em Estudos de Gênero I”, ambas ofertadas pelo Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/Unicamp). Posteriormente, esse referencial foi complementado com outras produções científicas relacionadas à temática proposta, por meio da busca bibliográfica utilizando a ferramenta digital *Consensus AI for Research*.

#### 4. Resultados e Discussões dos Resultados

Após análise das produções científicas, verificou-se que as mulheres desempenham papel central na conservação da agrobiodiversidade, embora essas práticas permaneçam invisibilizadas nas políticas públicas (Lima e Cunha, 2024). Isso se deve tanto pelo fato de essas atividades ocorrerem em espaços domésticos e comunitários, orientadas por valores que escapam à lógica produtivista dominante (Howard, 2003), quanto pelas próprias relações sociais que estruturam o campesinato em sua origem.

As desigualdades de gênero no meio rural manifestam-se na divisão sexual do trabalho e no acesso à terra. No campesinato tradicional, essa divisão organiza as atividades produtivas e reprodutivas a partir do sexo, atribuindo aos homens as funções produtivas socialmente reconhecidas e às mulheres aquelas ligadas ao cuidado, à alimentação e à manutenção da vida cotidiana (Conte et al., 2020), frequentemente tratadas como “ajuda” e desvalorizadas econômica e simbolicamente (Paulilo, 1987). Esse arranjo sustenta hierarquias e orienta a transmissão do patrimônio, mantendo os homens como principais titulares da terra, apesar da centralidade do trabalho feminino na reprodução das unidades produtivas e na manutenção da agrobiodiversidade (Carneiro, 2001).

Essas dinâmicas articulam-se à construção de uma “ruralidade idealizada” (Ferreira, 2008), baseada em um modelo heteronormativo e patriarcal, que invisibiliza sujeitos e experiências dissidentes. Nesse sentido, o conceito de “outro rural” evidencia como determinadas identidades e trajetórias são marginalizadas nas representações dominantes da vida rural, processo que contribui para reforçar desigualdades de gênero e outras formas de exclusão social, incluindo a identidade sexual (Philo, 1997).

É nesse contexto que as práticas associadas às sementes crioulas assumem um caráter político. Ao conservar variedades, sustentar redes de troca e fortalecer a agroecologia, as mulheres não apenas garantem a manutenção da agrobiodiversidade, mas também tensionam as estruturas que as invisibilizam. Como argumenta Pacheco (2009), essas ações ampliam sua inserção nas lutas sociais e na construção de processos coletivos de transformação no meio rural. Nesse sentido, o conceito de “corpo-território” (Oyarzún; Álvarez, 2019) permite compreender essas experiências como espaços de resistência, produção de saberes e afirmação da vida, em diálogo com o “bem-viver” (Acosta, 2019).

#### 5. Considerações finais

As mulheres são centrais na conservação das sementes crioulas e da agrobiodiversidade, embora permaneçam invisibilizadas pelas relações de gênero no meio

rural. Ainda assim, suas práticas constituem estratégias de resistência que tensionam o modelo agroindustrial e as hierarquias patriarcais. Valorizar essas experiências é fundamental para o fortalecimento do protagonismo das mulheres, bem como para a promoção da soberania alimentar e a construção de agroecossistemas mais justos e sustentáveis.

## Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Editora Elefante, 2019.

ANDRADE, D. Quem alimenta realmente o mundo? **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, p. 92-100, 1 jun. 2021.

AMÂNCIO, L. O gênero no discurso das ciências sociais. **Análise social**, p. 687-714, 2003.

OYARZÚN, E.; ÁLVAREZ, A. Apuntes iniciales para la construcción de una Ecología Política Feminista de y desde Latinoamérica. **Polis. Revista Latinoamericana**, n. 54, 2019.

BURG, I.; OGLIARI, J. As mulheres agricultoras na conservação on farm de variedades crioulas de milho-pipoca. In: MOTA, D.; SILIPRANDI, E.; PACHECO, M. (ed.). **Soberania alimentar: biodiversidade, cultura e relações de gênero**. Coleção Transição Agroecológica, v. 5. Brasília, DF: Embrapa; Embrapa CPATU; FAO; ABA, 2021.

CARNEIRO, M. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 01, p. 22-55, 2001.

CONTE, I.; CALAÇA, M.; TABORDA, N.. Divisão sexual do trabalho. In: **Feminismo camponês popular: reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas**. Porto Alegre: Expressão Popular, 2021. p. 123-132.

FERREIRA, Paulo Rogers. **Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas**. São Paulo: Anpocs/Hucitec, 2008.

HOWARD, P. et al. (Ed.). **Women & plants: gender relations in biodiversity management and conservation**. London: Zed books, 2003.

LIMA, H. S. M.; CUNHA, H. F. A. The role of women and the obstacles to biodiversity conservation in developed and developing countries. **Environment, Development and Sustainability**, [S.l.], 2024.

PACHECO, M.. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres. **Revista Agriculturas**, v. 6, n. 4, p. 4-8, 2009.

PAULILO, M.. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência hoje**, n. 28. 1987.

PHILO, C. (1997). Of other rurals? In P. Cloke & J. Little (Eds.), **Contested countryside cultures: Otherness, marginalisation and rurality** (pp. 19–50). London: Routledge.

SHIVA, V. **Quem alimenta o mundo?**. São Paulo: Elefante, 2015.

WOORTMAN, K. “Com parente não se negueia”: o campesinato como ordem moral”. **Anuário Antropológico**, vol. 87, 1990, pp 11-73.